

Moacir Werneck de Castro



MÁRIO DE ANDRADE EXÍLIO NO RIO

1ª reimpressão

autêntica

9. APRESENTAÇÃO

PRIMEIRA PARTE | EXÍLIO NO RIO

15. I. UM RIO QUE PASSOU EM SUA VIDA

- 18. Um paulistano no Catete
- 21. Rotina carioca
- 23. Feio por fora, bonito por dentro
- 24. A imaginação, essa doida
- 25. "Me animem, por favor"

31. II. O INTELLECTUAL E O PODER

- 34. O caminho para a ditadura
- 36. O malabarista do Estado Novo
- 39. Um combate difícil
- 42. Coexistência crítica
- 43. Oligarquia e vanguarda
- 46. Autocríticas devastadoras

49. III. BREVE VIAGEM NO TEMPO

- 52. Um caso perdido
- 54. Semana de Arte Moderna
- 56. Entender o Brasil
- 57. Tempo de revoluções

61. IV. OS MOÇOS

- 65. Guanabaras
- 66. Biografias precoces
- 69. Marxismo romântico
- 71. "Eu tenho medo!"

75. V. O SUBLIME INFERNO

- 78. Pra disfarçar as mágoas
- 80. Autoanálise
- 83. Um vulcão de complicações
- 85. As máscaras e as caras
- 86. Sequestro e sublimação
- 88. Frederico Paciência

97. VI. OPERÁRIO INTELECTUAL
100. A lealdade interior
101. Música, doce música
103. O enciclopedista
107. VII. TEMPESTADES
110. Presença da guerra
112. Brigas e amenidades
114. Solidão escolhida
117. O ovo de Colombo
121. VIII. A PAULICEIA RESGATADA
124. Ressentimento, amarguras
125. "Um sulcício discreto"
126. Balanço do Modernismo
128. Um provinciano sem museus
131. Apoteose
135. IX. IMPROVISO DO AMIGO MORTO
138. A despedida de Mário de Andrade
140. Mário de Andrade e os moços

SEGUNDA PARTE | CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE

153. CARTAS

217. ÍNDICE ONOMÁSTICO

APRESENTAÇÃO

Em anos passados, deixei esparsas algumas impressões sobre o meu convívio com Mário de Andrade durante o período em que morou no Rio de Janeiro, entre 1938 e 1941. O projeto deste livro surgiu originariamente da ideia de reuni-las num preâmbulo às cartas que ele me mandou, já de volta à sua cidade de São Paulo.

No começo de 1988, uma bolsa providencial me proporcionou condições de reformular em bases mais amplas esse projeto e trabalhar nele em regime de dedicação integral. Não se trataria de deixar solta no espaço e no tempo apenas uma fatia biográfica. As causas profundas do “exílio no Rio” se iluminariam com uma breve visão retrospectiva da vida e obra do escritor até as vésperas dos 45 anos, quando ocorreu aquela dramática reviravolta em seu “turismo vital”. E, como complemento necessário, seriam abordados os anos terminais em São Paulo, para melhor situar o clima das cartas que me enviou.

Se assim não procedesse, eu estaria apresentando uma imagem parcial do homem que um dia se definiu no famoso verso “eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta” – espécie de marca registrada da sua personalidade, hoje parte da rotina dos estudos críticos andradinos. Era múltiplo, e como! Poucos expoentes da cultura brasileira reuniram tantos e tão variados títulos: poeta, romancista, contista, crítico de artes plásticas e de literatura, musicólogo, doutrinador de estética, folclorista, etnólogo, defensor do patrimônio histórico e cultural, professor, cronista, jornalista, fotógrafo... Múltiplo na atividade intelectual e na complexidade dos aspectos de sua personalidade, que tiveram relevo diferenciado ao longo das várias fases de sua vida.

Revisitar Mário de Andrade me trouxe grandes emoções. Esse mergulho de volta aos anos de juventude suscitava um estado de *espírito capaz de levar tanto ao saudosismo como à melancolia, ou à pieguice. Havia, de*

qualquer modo, o risco do subjetivismo, nascido da relação pessoal com o personagem. Em que medida o afeto e a admiração pelo amigo poderiam conduzir à quebra do compromisso de ser rigorosamente fiel à verdade?

O presente livro é o coroamento de um esforço tenaz nesse sentido de fidelidade. Empenhei-me em oferecer, mais que o meu simples testemunho – prejudicado pela distância no tempo e pelas falhas da memória –, um levantamento de contribuições indispensáveis. Realizei entrevistas com pessoas que privaram da intimidade do autor de *Macunaíma*. Pesquisei em várias fontes uma série de dados adicionais. Depoimentos de Mário, disseminados em cartas para diversos destinatários – algumas inéditas – ou em crônicas de jornal e textos de caráter autobiográfico, me serviram como importante material de apoio.

Aventurei-me também a uma interpretação psicológica voltada para esclarecer aspectos da obra do escritor, especialmente da poesia. Tento explicar o seu drama íntimo, o “vulcão de complicações” de uma personalidade feita, como dizia, de “eus em farrancho”, e marcada por insuspeitados sofrimentos.

Busquei, ao mesmo tempo, contribuir para a clarificação de suas posições político-ideológicas, que culminaram numa fase de intenso ânimo participativo e crescente condenação aos “donos da vida”. Para o reforço dessa tendência, terão concorrido em boa medida os novos enfoques da realidade social e política propiciados pela vida no Rio de Janeiro e, em parte, pela convivência com os moços da *Revista Acadêmica*, grupo do qual fazíamos parte Murilo Miranda, Lúcio Rangel, Carlos Lacerda e eu. Alguns de nós lhe trazíamos surpreendentes experiências de engajamento em lutas revolucionárias; nossos estilos de vida lhe ofereciam “um espetáculo estranhíssimo”, de “um mundo novo, quase incompreensível”, como escreveu.

Tudo está situado dentro de um contexto histórico: a vida da então capital da República, tão contrastante com a de São Paulo, a atmosfera do país e do mundo naqueles anos de Estado Novo, de ascensão do fascismo no plano internacional e de início da Segunda Guerra Mundial.

O livro se divide em duas partes: a primeira, de minha autoria; a segunda, constituída pelas cartas de Mário de Andrade, sobre cuja importância no conjunto de seu epistolário o leitor julgará por si mesmo. Ambas as partes trazem notas explicativas, no final de cada capítulo e de cada carta. Ao não colocá-las em pé de página, segui o critério adotado por Mário de Andrade no livro sobre o pintor-padre Jesuíno do Monte Carmelo.

Justificava ele: “A verdade é que, às vezes, em duas frases de texto vêm três notas longas de duas e três páginas de datilografia, o que torna impossível uma ordenação tipográfica aceitável”. Num ou noutro capítulo, as minhas notas, que normalmente deveriam ser curtas, se estenderam demais.

Na transcrição das cartas, o critério geral foi atualizar a ortografia. Assim, não se mantiveram as idiosincrasias de Mário de Andrade: “mi-lhor”, “si”, “sinão”, “siquer”, “conciente”, e a acentuação à portuguesa de palavras proparoxítonas como “quilômetro”. Para captação fiel da sonoridade da frase, foram, contudo, preservados brasileirismos como “álcol”, “aspeto”, “nétares”, “sube”. Em respeito ao ritmo da construção, mantiveram-se os substantivos compostos e as locuções por ele criadas, como “apesar-de”, “de-fato”, “de-noite”, “maneiras-de-ser”, “estado-de-poesia”. Conservou-se a sílaba tônica fechada em “folclôre”, à inglesa, como ele pronunciava; e, por fim, a pontuação. O mesmo critério não pôde ser sistematicamente seguido nas citações da primeira parte do livro, onde os textos provêm de edições nem sempre fidedignas.

Muitos são os agradecimentos a deixar consignados. A família de Mário de Andrade, representada por Carlos Augusto de Almeida Camargo, autorizou a divulgação das cartas e pôs a meu alcance as informações de que necessitava. Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza me deram uma inestimável contribuição documental e não menos valiosa ajuda crítica na discussão de algumas passagens deste trabalho; a eles, toda a minha gratidão. Numerosos subsídios colhi também do vasto conhecimento de Telê Porto Ancona Lopez sobre a biografia e a obra de Mário de Andrade; foi quem me guiou através do precioso arquivo disponível no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Conversei com dois coetâneos de Mário, já falecidos, Francisco Mignone e Antônio Bento; a eles a minha saudade. Yedda Braga Miranda, Maria Amélia Buarque de Hollanda e Maria Portinari me auxiliaram, com muita sensibilidade, na reconstituição da figura humana do nosso amigo. Contei com depoimentos e/ou sugestões de Cícero Dias, Oscar Niemeyer, Bruno Giorgi, Nino Gallo e Carlos Scliar. Ajudaram-me, também, Carmen Portinho, Homero Senna e Carlos Alberto Barreto. Abusei da boa vontade de amigos, pedindo que lessem a primeira versão deste livro; daí me vieram as opiniões muito importantes – além das de Gilda e Antonio Candido, já citados – de Guilherme Figueiredo, Mário da Silva Brito, Francisco de Assis Barbosa, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Darcy Ribeiro e Rubem Braga. Obviamente, nenhum deles é responsável pelo produto acabado.

O trabalho de Darcilene de Sena Rezende, que datilografou fielmente os originais das cartas, foi relevante. O Projeto Portinari pôs à minha disposição documentos de grande valia.

Na pessoa de José Mindlin, agradeço a contribuição de Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, cujo patrocínio me permitiu a elaboração, sem sufoco, do meu livro.

Não sendo este um trabalho para eruditos, mas de alguém que aspira a ser lido por um público mais amplo, peço que me perdoem as carências de rigor metodológico e de instrumental teórico. Conforta-me a ideia de que o próprio Mário de Andrade não se enfeitava com esses adornos, tão comuns nas teses acadêmicas atuais. Ele, o moderno-mor, nem chegou a usar a palavra mágica “modernidade”...